

## A MULHER NAS ENTRELINHAS DO TEXTO EM *TERRA CAÍDA*

Denir Silva de Souza (SEDUC)<sup>1</sup>  
Veronica Prudente Costa (UFRR)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo analisar as representações da mulher nas entrelinhas do texto, na obra *Terra Caída*. Discutimos os papéis da mulher sob novo enfoque, buscando dar ênfase ao protagonismo feminino, e como esses papéis foram construídos e ofuscados pelo discurso do narrador. Como fundamentação teórica, tivemos como suporte Almeida (2008); Bourdieu (2012); Butler (2016); Spivak (2010); Woolf (2014). Ao enveredarmos na discussão sobre a mulher nas entrelinhas da narrativa, tivemos como foco a análise de personagens femininas como Rosinha, Laura e Anália e dona Chiquinha na obra de Potyguara. Através da pesquisa, buscamos desconstruir o discurso de superioridade, que concebia a mulher dentro dos padrões construídos culturalmente no século XIX e meados do século XX, quando a mulher ainda estava dentro de um espaço privado, que lhe dava direito apenas de cuidar do lar, de ser boa mãe, dedicada aos afazeres domésticos, obediente ao pai e ao marido. Inicialmente as personagens femininas são evidenciadas ressaltando as suas características físicas de maneira que incitam o desejo masculino. Mas buscamos sutilezas deixadas pelo narrador que mostram a nosso ver o empoderamento feminino, mas que ficaram ofuscados pela maneira como o narrador as descreve, intencionando nos conduzir a um juízo de valor, cujos alicerces estão centrados na visão patriarcal que o narrador usa para descaracterizar algumas personagens femininas. Assim posto, dizemos que a mulher, independentemente da hostilidade do seringa, tomou atitudes que demonstram empoderamento e enfrentamento contra a ordem do patriarcado.

**PALAVRAS CHAVES:** Empoderamento feminino; *Terra Caída*; gênero.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the representations of women between the lines of the text, in the work *Fallen Land*. We discuss the roles of women under a new focus, seeking to emphasize the female protagonism, and how these roles were constructed and overshadowed by the narrator's discourse. As a theoretical foundation, we had as support Almeida (2008); Bourdieu (2012); Butler (2016); Spivak (2010); Woolf (2014). By engaging in the discussion about women between the lines of the narrative, we focused on the analysis of female characters such as Rosinha, Laura and Anália and dona Chiquinha in Potyguara's work. Through the research, we seek to deconstruct the discourse of superiority, which conceived the woman within the culturally constructed standards of the 19th and mid-20th century, when the woman was still within a private space, which gave her the right only to take care of the home, to be a good mother, dedicated to domestic chores, obedient to her father and husband. Initially the

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Humanas pelo PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela FACULDADE TÁHIRIH - ADCAM (2007); Especialização em Gestão Pública, 2015 (IFAM). Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (2006); Graduação em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (2005). Professora Língua Portuguesa e suas Literaturas na Secretaria de Estado e Educação de Qualidade de Ensino (SEDUC-TEFÉ). [souza.rined@gmail.com](mailto:souza.rined@gmail.com). Tefé/AM. Brasil.

<sup>2</sup> Doutorado e Mestrado em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa e Africanas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharelado e licenciatura nas áreas de Letras: Português/Literaturas (2003) e Inglês/Literaturas (2000) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialização em Literatura Portuguesa (UERJ). UFRR – Universidade Federal de Roraima. [prudente.veronica@gmail.com](mailto:prudente.veronica@gmail.com). Boa Vista, RR. Brasil.

female characters are evidenced by highlighting their physical characteristics in a way that incites male desire. But we seek subtleties left by the narrator that show, in our view, the female empowerment, but that were overshadowed by the way the narrator describes them, intending to lead us to a value judgment, whose foundations are centered on the patriarchal vision that the narrator uses to mischaracterize some female characters. Thus, we say that the woman, regardless of the hostility of the rubber plantation, took attitudes that demonstrate empowerment and confrontation against the patriarchal order.

**KEY WORDS:** Female empowerment; Fallen Land; gender.

## INTRODUÇÃO

Como descendente de seringueiro e seringueira, sentir latente a “herança” patriarcal, machista e opressora, construída socialmente e reforçada no ambiente familiar, sendo propagada pelas gerações. De modo geral, ainda há um enorme esforço dos patriarcas em deixar latente essa “cultura machista”. Estudar a mulher nas entrelinhas do texto surgiu da necessidade de descortinar as representações<sup>3</sup> da mulher no seringal na Amazônia, e para este estudo visamos a obra *Terra Caída*, um romance que narra a saga vivida por homens e mulheres na floresta amazônica.

Buscamos através deste estudo analisar as representações do papel da mulher na obra *Terra Caída* e como as questões de gênero foram socialmente construídas do ponto de vista da cultura; discutimos os papéis da mulher sob novo enfoque, buscando dar ênfase ao protagonismo feminino, e como esses papéis foram construídos pelo discurso do narrador.

Para fins de estudos, analisamos as personagens femininas que compõem a narrativa ficcional intitulada *Terra Caída*, de autoria de José Potyguara da Frota e Silva, publicada em 1961. Esta obra, base dessa investigação, é um dos mais importantes romances que tratam da Amazônia para a compreensão da saga vivida pelos sujeitos que ali estiveram na realidade do seringal no auge e decadência da borracha e pela riqueza de detalhes sobre os seres humanos sobreviventes da selva amazônica, cheia de emblemas e contradições, quando a Amazônia prematuramente conheceu o processo de urbanização. Segundo dados históricos, aproximadamente em meados do século XIX e início do século XX se deu o apogeu e início do declínio da borracha.

---

<sup>3</sup> Segundo Spivak (2010). A autora usa dois significados em alemão de “representação”: *Vertretung*, que se refere ao ato de assumir o lugar do outro na política da palavra e *Darstellung* que refere-se a uma visão estética que prefigura o ato performativo ou de encenação. Para a autora há uma relação intrínseca entre o “falar por” e o “representar”: em ambos os casos, a representação é um ato de fala em que há a pressuposição de um falante e de um ouvinte. Para a autora esse processo de fala se caracteriza por uma posição discursiva que tem uma ligação do falante com o ouvinte, e esse espaço dialógico não se concretiza para o subalterno.

Este romance apresenta um campo profícuo de pesquisa na área dos estudos de gênero, quando nos reportamos às representações das personagens que sofrem a opressão e a dominação masculina<sup>4</sup>, outrora construídas pela sociedade patriarcal, ora refutadas em alguns discursos, ora postas em evidência em outros, através do machismo e da violência contra a mulher.

Diante dessa constatação, surgiu o interesse de dar visibilidade para essa literatura que retrata os papéis da mulher no período da borracha. Mas para isso, utilizamos outro olhar, o que chamamos de “um olhar a partir da margem”, fugindo das interpretações que visam demonstrar o contexto histórico e belezas naturais, exuberâncias geográficas e a dicotomia “inferno e paraíso”.

Para discutir a mulher nas entrelinhas de um texto escrito por homem, seguimos os postulados de Alfredo Wagner Berno de Almeida, no prefácio de sua obra *Antropologia dos Arquivos da Amazônia*, (2008), que nos propõe a pensar em um saber descolonizado, saindo das interpretações preexistentes, para assim desvelar a fala do subalterno, pois ele deve falar e ser ouvido. Deste modo, buscamos ir em busca de evidenciar a mulher no contexto dos seringais, através de um pensar “novo”, fora das interpretações colonialistas, que apenas reforçam as interpretações hegemônicas e não possibilitam outros questionamentos.

Analisar as representações do feminino no contexto da borracha, nas obras ficcionais, nos propõe uma re-análise conceitual do que os narradores fazem da representação dos papéis da mulher. Deste modo, utilizamos as contribuições de Spivak (2010), pois entendemos que esse discurso precisa ser questionado, pois, na obra ficcional analisada, ora ofusca a mulher que na maioria das vezes foi interpretada desde a colonização como o Outro, um ser a parte, ora evidencia através da narração algumas atitudes diferentes do que apresentavam as mulheres da época.

Utilizamos de Butler (2016), pois concordamos que a linguagem é fundamental para promover visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos e a tentativa da representação de uma linguagem revelaria ou distorceria o que é posto em relação às mulheres. E para contrapor esse cenário de opressão e submissão apresentado por Spivak (2010) trazemos para a discussão a obra de Virgínia Woolf (2014), *Um Teto Todo Seu*, em que o próprio título nos faz refletir sobre a importância da independência e de se autorrepresentar.

Embora compreendamos que as representações da mulher em obras ficcionais, principalmente as escritas por homens, mostrem sentidos opostos, pois se por um lado a

---

<sup>4</sup> Conceito baseado em Bourdieu (2012) acerca do poder simbólico, de sua imposição e o modo como ela é sentida. A dominação masculina é o exemplo maior da submissão paradoxal, concebida como uma violência simbólica, sensível, direcionada aos seus dominados através da linguagem.

representação nos permite ver algo ausente, podemos intuir que há radicalmente uma disparidade entre o que representa e o que é representado.

A primeira leitura pautada apenas numa interpretação hegemônica mostra o reforço à visão patriarcal com relação à mulher, desprestigiando outras maneiras de interpretá-la e não evidencia o posicionamento e a atuação dela como sujeito ativo no ambiente em que estava inserida que, a nosso ver, o narrador poderia ter dado ênfase àquelas mulheres que tiveram papel importante na narrativa, pois estiveram reprimidas pelo sistema de dominação visto como natural e não internalizaram a dominação que as pudesse desencorajar e reproduzir o discurso machista.

A análise que faremos não será apenas baseada na descrição de como as personagens são expostas pelo narrador, evidenciando principalmente a aparência física e psicológica, que muitas vezes as descrevem com um posicionamento machista. Buscaremos expor as características que podem ser observadas como o início da luta da mulher por espaço e reconhecimento de suas escolhas.

## 1. O EMPODERAMENTO FEMININO NOS LIMITES DO SERINGAL

*A noite não adormece nos olhos das mulheres*  
*Em memória de Beatriz Nascimento*

*A noite não adormece*  
*nos olhos das mulheres*  
*a lua fêmea, semelhante nossa,*  
*em vigília atenta vigia*  
*a nossa memória.*

[...]

*A noite não adormecerá*  
*jamais nos olhos das fêmeas*  
*pois do nosso sangue-mulher*  
*de nosso líquido lembradiço*  
*em cada gota que jorra*  
*um fio invisível e tônico*  
*pacientemente cose a rede.*  
(Conceição Evaristo)

A narrativa *Terra Caída* tem seu foco narrativo na terceira pessoa. O romance é de autoria masculina, mas apesar de descrever as personagens com uma linguagem machista, em outros momentos apresenta nuances que podem evidenciar a mulher, possibilitando-nos interpretá-la como protagonista de lutas e resistências contra as leis do patriarcado. Assim não

podemos inferir um julgamento quanto a identidade do narrador. As informações não deixam evidente se o narrador é masculino ou feminino.

As interpretações feitas a seguir poderão ser apresentadas pela visão patriarcal como distorcidas e impróprias, conflitando a ficção e a realidade da época. Sabemos que as narrativas ficcionais, além da verossimilhança, possuem particularidades que podem ser contestadas e reinterpretadas. Dependendo do mirante em que o leitor esteja haverá possibilidade de ler e reler as nuances que o narrador deixa em entrelinhas. Essas releituras nas entrelinhas são necessárias para desvelar um sujeito que foi emudecido através da “violência epistêmica” (Spivak, 2010).

Conforme dizemos, procuramos fazer uma releitura a partir da margem, fora das propostas pela tradição interpretativa hegemônica e evidenciamos que embora em um ambiente hostil, é possível perceber através das atitudes de algumas personagens a força da mulher e a vontade de lutar contra os padrões impostos pela ordem do patriarcado. Essas mesmas mulheres que eram vistas como objeto de desejo e prazer masculino, seguiram um percurso criado pelo narrador que nos chamou atenção, pois dão indícios de que as mulheres citadas, apesar de estarem em condições díspares com relação aos homens, não aceitaram seu papel de submissão imposta por eles.

Para discutir essa luta, a vontade de ir em busca de liberdade e da construção de uma autonomia, buscaremos mostrar as nuances deixadas pelo narrador que mostra, a partir das atitudes ousadas das personagens Laura, Rosinha, dona Chiquinha e Anália, a luta e a resistência da mulher contra as ordens do patriarcado.

Ao analisar Laura, percebemos que a vida no isolamento do seringal para ela era uma espécie de castigo. Logo após a primeira semana no novo ambiente, ela já começou a demonstrar insatisfação, o que foi interpretada pelo marido como apenas enjoos provocados pela gravidez. Na concepção dele, após o nascimento da criança, Laura mudaria de comportamento, se encantaria com a maternidade, porém isso não aconteceu. Independentemente de qualquer agrado oferecido pelo marido, ela não queria mais viver no isolamento da floresta e esse descontentamento pode ser exemplificado através da citação abaixo:

Que quer você que eu faça? Que imite essa gente daqui? **Essas desgraçadas mulheres, contentes em comer, ter filhos e mais nada?... Não! Eu não nasci só pra isso? Quero viver! Filho já tive um e basta! Não sou seringueira, que vocês ferem todo dia, tiram-lhe o leite, e as pobres árvores nem se queixam** (POTYGARA, 2007, p. 29, grifos nossos).

Diferente de outras mulheres, Laura não se contentava apenas em ter filho e ser alimentada. A vida não se resumia apenas a essa monotonia. Para ela, essa vida oferecida para as mulheres no seringal era de miséria, limitando-as apenas a ser mãe e a criar os filhos. Laura comparou as mulheres casadas do seringal com a floresta que era apenas explorada, vivia oprimida, aceitava a subordinação dos homens que ceifavam até a última gota do látex e permaneciam inerte.

Ela via as mulheres como umas “desgraçadas” que se contentavam com a hostilidade do seringal, o inferno de viver na mata, cheia de insetos e doenças, além de animais ferozes que comiam as crianças vivas<sup>5</sup>. A seringueira aqui mencionada na fala de Laura pode ser entendida não apenas como a árvore que é explorada, mas sobretudo, representa a mulher do seringueiro, levada para o mais transgressor ambiente sem qualquer condição de vida digna, sendo submetida a todo e qualquer tipo de exploração, uma vez que era usada apenas para fim de reprodução e muitas delas aceitavam essa condição sem questionar.

Observamos que Laura se posiciona fortemente contra o fato de a mulher ser violentada e explorada como a seringueira. Portanto, essa mulher mostra algum tipo de empoderamento no seringal, um ambiente marcado pela opressão masculina e em que a mulher geralmente era submetida.

Era muito comum no seringal a mulher ser usada como objeto de troca, para pagamento de dívida do marido morto e não contestar. Aceitava a sua condição de oprimida como algo natural e inquestionável. Havia ainda mulheres que eram levadas para lá apenas para satisfazer os desejos sexuais masculinos e aumentar o lucro do patrão. Assim algumas atitudes que a mulher esboçava como o descontentamento eram vistas apenas como rebeldia sem fundamento, mas havia a ideia de que logo a mulher iria se acostumar com o que era determinado a ela, assim como outras mulheres haviam se acostumado naquele lugar.

Mas naquela época não era comum que as mulheres desobedecem ou se revoltassem contra as ordens do patriarcado. Logo, as atitudes que algumas mulheres esboçavam não poderia apenas ser vistas como rebeldia, mas como a revolta contra o conformismo e a opressão. Embora o homem percebesse através daquelas atitudes que a mulher não estava mais predisposta a aceitar uma vida domada como outras mulheres aceitavam, ele preferia apenas

---

<sup>5</sup> Maria, mulher de Chico Bento logo no primeiro mês no seringal assistiu a morte da filha. O impaludismo (malária) levou a filha mais nova. Debilitada por causa da viagem, a criança estava anêmica e não resistiu à “violência do mal”. Aproximadamente um ano mais tarde Maria engravidou novamente, dessa vez de um menino. O filho já com oito meses foi carregado de dentro da casa por uma onça, que a devorou. Chico Bento achou-a junto a uma tronqueira e a matou a tiros. Do filho sobraram apenas a cabeça e os ossos ensanguentados.

entender essas atitudes como rebeldia de adolescente, como podemos perceber na reação do coronel expressa abaixo:

**Calado, apático**, Tonico Monteiro estranhou aquela atitude da esposa. E enquanto a contemplava, **achou-a mais bonita, assim zangada**, a cabeleira revolta em ondas negras que oscilavam aos meneios da cabeça. **Esquecendo a ousadia daquela insubmissão, o coronel sentiu orgulho de ser marido de uma mulher nova e bonita**, ele que ultrapassava os cinquenta anos. Não tardou essa vaidade de velho degenerasse em excitação carnal (POTYGUARA, 2007, p. 29)

A insubmissão ali exposta, vista como rebeldia, é a comprovação de uma batalha que vem acontecendo e legitima a marca da história de luta das mulheres pelo direito de escolha, embora tenha sido camuflada na narrativa, pois não foi evidenciada como deveria. O narrador diz que o coronel observava mais os aspectos físicos, a juventude da mulher, o que lhe gerava orgulho de homem, mesmo aos cinquenta anos, ser marido de uma jovem bonita.

A atitude de Laura ao recusar o marido demonstra que a mulher também já tinha certo domínio sobre o seu corpo. Segundo o narrador, ela rejeitou o marido gritando mais enfurecida: **“-Não adianta me beijar! Tire-me daqui, senão enlouqueço! Estou farta dessa vida selvagem! Não suporto mais isso!** (POTYGUARA, 2007, p.30, grifos nossos).

Essa rejeição entendida pelo marido como um capricho e rebeldia da juventude, na nossa compreensão vem reforçar a força da mulher que, mesmo na juventude, já sabia defender e buscar garantir os seus direitos de escolha. Ela não queria aquela vida limitada e sem perspectivas, queria ir além de ser mãe e dona de casa, submissa ao marido.

A personagem contraria os conceitos criados a partir da visão patriarcal que determina que o papel da mulher é dedicar-se à casa e ao marido, quando Laura não muda de atitude com a maternidade, como era previsto pelo marido. Ele acreditara que Laura após o parto começaria uma nova vida, ficaria alegre com a chegada da filha e mudaria de atitude, mas isso não aconteceu, conforme podemos observar na citação a seguir que confirma a continuação da resistência depois do parto:

Dona Laura continuou na mesma: **triste, caprichosa, inconformada de morar naqueles barrancos sem distração**. Isolando-se no chalé passava horas trancada no quarto, com a filha. **A direção da casa ficava à matroca, entregue a duas empregadas:** a cozinheira Joana e uma índia domesticada” (POTYGUARA, 2008, p.29, grifos nossos).

Dentro da concepção patriarcal, a personagem deveria, além de cuidar da filha, também cuidar dos afazeres domésticos, da administração do lar e ser cuidadosa com o marido. Mas mesmo depois da maternidade, Laura não mudou. Ela deixou os cuidados da casa e do marido

na responsabilidade de outros, limitando-se apenas em distrair-se com a filha, o que nos induz a dizer que ela não pretendia viver apenas como dona de casa.

Podemos notar outro ato de protagonismo da personagem Laura quando ela toma a atitude de morar sozinha, o que podemos entender também como uma marca da emancipação da mulher. Quando está em Belém (PA), ela retoma a alegria e consegue a ajuda dos pais para não retornar ao seringal. Depois de muito tempo sem dar notícias ao marido, escreve para dar a notícia de que já saiu da casa dos pais. Ela tomou essa decisão e só em seguida resolveu comunicar ao marido, o que já tinha feito. O narrador diz que o coronel demonstra sua fúria ao saber da notícia através de uma carta, depois de um ano sem notícia e reage com fúria:

Com um murro sobre a mesa, **o autoritário seringalista** manifestou sua revolta. A notícia **chocou-o mais pela atitude independente da esposa, que tudo resolveu sem consultá-lo**. Sim, porque quanto ao aspecto sexual não fazia falta. Vencida a saudade da primeira semana de ausência o coronel, aos poucos, foi-se deixando enlear pelos olhares, a princípio, e, depois pelos braços macios de Anália, voltando ao chamego de outrora com mais ardor (POTYGUARA, 2007, p. 44, grifos nossos).

Confirmamos com essa citação a luta da mulher em busca de liberdade. Ela conquista a liberdade física quando consegue sair da casa dos pais e vai morar em companhia da irmã solteira, embora não tivesse autonomia financeira, pois ainda continuou sendo sustentada pelo marido, fato que era muito raro naquela época, levando em conta a fama que o coronel tinha de intransigente, incompreensivo e autoritário.

Na reação do coronel, observamos que ele não estava preocupado em perder o amor da esposa, estava mais preocupado em perder a autoridade sobre ela. Essa atitude precisava ser evidenciada, pois entendemos que foi uma atitude de tamanha significação a mulher dar provas de que ela havia começado a ter domínio sobre si mesma, ou seja, foi assinalada uma marca no desmonte da dominação imposta para a mulher, a sexualidade atrelada ao casamento e a reprodução.

A iniciativa da personagem feminina foi evidenciada pelo narrador como ato de rebeldia, mas essa atitude mostra que a mulher já lutava para ser sujeito e dar outros rumos a sua história. E apesar de tudo, o marido continuou a pagar as suas despesas, mesmo que não estivessem morando juntos.

Ao analisar a personagem Rosinha, percebemos que ela também é um exemplo de mulher de personalidade forte. Não se deixava dominar pela família nem pelo noivo. Pensava no casamento como uma prisão. Ela se considerava uma mulher livre e queria manter essa liberdade a qualquer custo. Desde muito jovem já tinha ideias próprias sobre o casamento e

gostava de viver em liberdade, como podemos ler na citação a seguir quando o narrador descreve a mãe de Rosinha lembrando a situação da filha enquanto ainda estavam no Ceará:

Por ser a única, todo o seu carinho foi para ela. Quando seu pai embarcou, Rosinha ficou com **doze anos** e frequentava a escola do povoado. Revelava bastante inteligência e já prometia a ser a beleza que é. **Costurando e vendendo rendas de almofada, dona Chiquinha não poupava esforço a fim de dar a menina alguma instrução.** Moça e bonita, tonou-se vaidosa. Preferida dos rapazes. **Gostava de dançar, brincava com todos, mas, namoro firme, já revelava bastante independência.** Se algum pretendente lhe falasse em casamento, **ela respondia que era cedo para perder a liberdade** (POTYGUARA, 2007, p. 182).

A citação acima mostra não apenas a Rosinha desde muito nova com entendimento sobre a necessidade de garantir a liberdade, mas também mostra que, apesar de jovem, ela já esboçava traçar seu destino. Sabia que a independência e a liberdade eram muito importantes, sobretudo a certeza que essa liberdade seria perdida se ela se casasse. Rosinha, desde doze anos, já era vaidosa. A liberdade dela já era evidente quando o narrador diz que ela “gostava de dançar e brincava com todos”.

Devemos também deixar em evidencia a coragem da mãe da moça em trabalhar para garantir “alguma instrução” à filha. Neste sentido, a família de Rosinha não contribuiu para educá-la totalmente dentro das tradições patriarcais. Conforme expõe Bourdieu (2012), a família é responsável por reproduzir a dominação masculina, assim como a família pode educar as filhas para a libertação, quebrando as barreiras da alienação.

Essa busca de liberdade é mencionada em várias passagens da narração e através da citação abaixo podemos reforçar que Rosinha queria preservar principalmente a liberdade de escolha sentimental, perceptível quando a personagem não quis atender o pedido de Tomaz e terminar o noivado, porque não queria viver presa a ninguém. Por isso ela evitava relacionar-se intimamente com Tomaz.

Continha-se unicamente com o receio de que, possuindo-a uma vez, **Tomaz quisesse conservá-la como exclusivamente sua. Independente como ela é, evitando o casamento como um freio, ela jamais suportaria o monopólio de seu corpo. Casada ou amigada** teria que respeitar o dever de fidelidade. Assim, **continua solteira para assegurar o direito de liberdade** (Potyguara, 2007, p.143, grifos nossos).

A mulher, mesmo em condições de isolamento no seringal, enxergava que o casamento ou a vida amigada era comparada a uma prisão e queria evitar, por mais que fosse vista segundo o narrador (2007, p.148), como uma “quenga sem vergonha”, ela queria viver em liberdade, longe dos domínios masculinos e se recusou a viver oprimida através do casamento. O que mostra que a mulher estava segura de si e sabia que o prazer sexual não depende de casamento.

Essa recusa foi considerada uma ofensa. Podemos perceber quando o narrador diz que Tomaz partiu despeitado e ficou dias sem ver Rosinha.

Essa indecisão não agradou a Tomaz. Sem escrúpulo e **dominado por um sensualismo baixo**, não suportava entraves aos seus desejos. [...] Mas a ausência aguçou o desejo. Por onde andava, onde quer que estivesse, Rosinha estava em seu pensamento. **Não era propriamente paixão: era humilhação". Sentia-se diminuído pela atitude, para ele estranha, da primeira mulher que lhe resistisse** (POTYGUARA, 2007, p. 143-144, grifos nossos).

Mesmo sentindo atração por Tomaz, Rosinha se conteve, não cedeu aos galanteios e controlou os seus desejos sexuais para não dar margem para que Tomaz a manipulasse. Isso comprova que ela tinha domínio sobre si. Essa atitude demonstra que ela agia como sujeito e seus atos eram conscientes. A rejeição de Rosinha feriu o orgulho masculino. Assim percebemos que Tomaz não queria casar com Rosinha por paixão, mas sobretudo porque não admitia ser rejeitado. Ser recusado por uma mulher categoricamente era uma humilhação e isso para o homem era uma ofensa a sua masculinidade.

Rosinha demonstra mais uma vez ser uma mulher de atitude e merece destaque o fato de ela mesma tomar a iniciativa e terminar o namoro com Nonato. A personagem Rosinha já tem mudada a visão da sexualidade e prazer feminino. A sexualidade feminina deixa de ser vista apenas como reprodução atrelada ao casamento. Para a personagem casar significa estar presa às regras e normas sociais. A recusa ao casamento e aceitar ser cortejada por outros homens significa a busca de igualdade de direitos relacionados à condição sexual.

Ela tem independência e passa a experimentar outras maneiras de praticar a sua sexualidade. Vale ressaltar que a educação sexual era pautada dentro da concepção falocêntrica. O sexo para a mulher sempre foi um tabu, considerando-o pernicioso, e a sexualidade deveria ser reprimida, através do silenciamento, mas para Rosinha a sexualidade e o corpo não poderiam ser tutelados pelo homem, e assim ela deixa para trás o conceito de virtude que era atrelada à castidade.

Outra mulher que, mesmo sendo descrita pelo olhar machista do narrador, pode ser considerada dentro do empoderamento feminino é Anália. Segundo o próprio narrador, ela tinha domínio sobre o marido. Era uma mulher astuciosa, manipulava não só Tiburtino, mas também o coronel Tônico Monteiro e Tomaz, conforme podemos observar na citação:

Anália, morena forte e bonita – beleza cigana, **de olhos tentadores e carnação sensual – Anália exerce completo domínio sobre o marido**, a quem trata como **animal útil à sua incontrolável sexualidade**, sobretudo agora, depois do casamento do Tônico Monteiro, que a relegou a segundo plano. **Suas intimidades clandestinas**

**com o coronel**, quando solteiro, são comentadas em todo o seringal (POTYGUARA, 2007, p. 31, grifos nossos).

A descrição deixa evidente que Anália era uma mulher de muita sensualidade. Chamava atenção não apenas com o olhar, mas também com o corpo, que mais uma vez aparece como o responsável por despertar a cobiça sexual do homem. Percebemos que o narrador usa linguagem carregada de preconceito com relação à mulher no sentido da sexualidade. A mulher precisava ter a sua sexualidade reprimida para não ser mal interpretada. Segundo o narrador, Anália mantinha relação extraconjugal com o coronel, fato que era de conhecimento de todos, pois a relação era comentada em todo o seringal. Assim, inferimos que o marido também soubesse, mas não contestava, e um dos motivos que o narrador expõe é que Tibertino tirava proveito da situação.

Através da análise da narrativa, comprovamos que Anália não tinha controle apenas sobre o marido, mas também usava a sensualidade e o corpo para satisfazer os desejos sexuais do coronel e depois conseguir o que queria dele, o que pode ser percebido quando ela conseguiu que o coronel não resistisse aos seus apelos e ajudasse com setenta contos de réis, que foi utilizado por Tibertino para comprar um seringal de pouco mais de trinta estradas. Anália não viver um padrão de vida determinado para a mulher casada e é evidente seu empoderamento.

Diante do exposto, entendemos que as personagens analisadas reinventaram um ser feminino autônomo, embora reprovado pela sociedade, posto que está fora do que era imposto para a mulher, casar, ter muitos filhos, ser obediente ao marido. Entendemos que essas personagens criaram uma linguagem própria e singular. Estiveram vivendo tanto a sexualidade quanto a busca da liberdade, mesmo em situação predominantemente patriarcal, regulada pelos conceitos vigentes. Isso comprova que elas desenvolveram uma linguagem que poderia ser evidenciada pelo narrador como de luta e resistência.

## **2. A AUTONOMIA FEMININA OFUSCADA PELO DISCURSO PATRIARCAL**

Nas narrativas ficcionais canônicas sempre foi atribuído o papel de protagonista ao personagem masculino, branco, colonizador europeu, abastado economicamente, refletindo as concepções patriarcais da sociedade ocidental de forma geral. Estes cânones arquitetam suas narrativas pautadas no protagonismo masculino, sempre o guardião da família, também da moral e dos bons costumes. A mulher era relegada ao papel de filha prendada, educada através

das cartilhas que as instruíam a se tornarem esposas dedicadas e acima de tudo sadias para arrumarem bom casamento e gerar filhos.

No prefácio da obra *Terra Caída*, foi dito que “talvez nenhum outro personagem deste livro retrate de forma tão completa a saga vivida por tantas almas como o seringueiro Chico Bento (POTYGUARA, 2007, p. 8). Na interpretação do prefaciador, o personagem encarnava a força, a fé inquebrantável e a coragem de sertanejo na superação dos infortúnios que a natureza soberana teimava em lhe infligir. Esse papel principal no romance é destinado ao homem, seringueiro, pelo fato de durante a narrativa ele não aceitar a opressão imposta pelo coronel sem questionar e conseguir êxito em suas negociações.

Ressaltamos que a nosso ver, longe da interpretação canônica e, portanto, hegemônica, analisamos que Anália, Laura, Rosinha e dona Chiquinha deveriam ser evidenciadas como a representação do protagonismo da mulher na obra ficcional. Confirmamos através de uma releitura que essas personagens lutaram contra o que Bourdieu (2012) denominou dominação masculina. Mas o discurso do narrador não deu evidência a esses feitos como atos de coragem, suprimiu essas mulheres de maneira que findassem a narrativa oprimidas e resignadas como veremos adiante.

Mesmo com toda a força imposta pela dominação masculina e as influências econômicas, Rosinha, Anália e Elza quebraram o paradigma do papel da mulher ideal, ratificado de acordo com as convicções dominantes. Cada uma a sua maneira lutou contra a subordinação patriarcal.

Estas personagens, em boa parte da narrativa esboçaram a insatisfação com a vida a partir das recusas que fizeram contra o casamento arranjado, no caso de Rosinha, e a insubordinação ao marido, no caso de Laura, que vai morar apenas na companhia da irmã mais nova e solteira.

A atitude de Laura poderia ser demonstrada pelo narrador de maneira que pudesse dar visibilidade a ela, uma vez que no século XIX as mulheres ainda viviam presas às tradições culturais de dominação. A nosso ver, a personagem quebrou o paradigma de dominação. Embora usando a sedução, conseguiu impor a sua vontade, mas o narrador limitou a deixá-la fora da narrativa, manifestando-se apenas no final do romance, expressando a sua paixão por Paulino e sendo exposta como adúltera. O narrador anula todo o protagonismo inicial de Laura quando a deixa no anonimato e a espera do suposto amante como se estivesse presa e dependente.

No início da narrativa Rosinha é apresentada como noiva, mas com o transcorrer da ação, a personagem pouco a pouco vai se desvinculando do casamento. A princípio o escritor usa o pretexto de “aprender a costurar” para encaixar Rosinha dentro dos parâmetros de moça prendada, mas não consegue que ela fique limitada somente à casa. O narrador diz que ela foi corrompida por ter contato com outras pessoas, diversos tipos de “homens (caixeiros, comboieiros, seringueiros), [pois] dificilmente moça nova e bonita se conserva inatingível aos galanteios que, se não afetam a virtude, despertam a vaidade” (POTYGUARA, 2007, p. 49).

Percebemos que o contato com outra variedade de pessoas, diferentes daquelas a que estava acostumada no isolamento da selva, participar de outra realidade faz a personagem ganhar consciência de si mesma e do mundo que a cerca. Essas experiências vão mudando a maneira da personagem Rosinha ver o mundo e se perceber nele, e a experiência com aquelas pessoas, segundo o narrador levava a personagem a enxergar no noivo qualidades que ela não apreciava mais como, por exemplo, ele ser “bronco, desenxabido e ignorante” (POTYGUARA, 2007). Isso faz com que Rosinha trate Nonato com indiferença e dia após dia vai se confirmando o seu novo posicionamento em relação ao casamento.

Poderia não ser apenas o contato com outros homens que fez com que Rosinha mudasse de ideia de não querer casar, mas o seu próprio amadurecimento e discernimento com relação a si mesma, por ela querer aproveitar mais a liberdade, visto que se considerava, aos vinte anos, muito nova para casar e sobretudo por ver o casamento como forma de prisão.

Na narrativa há o protagonismo de mãe e filha, quando o seringueiro Policápio, marido de dona Chiquinha e pai de Rosinha, morre e deixa pouco saldo, as duas precisavam garantir a própria sobrevivência. Podemos perceber quando o narrador diz:

Nos primeiros meses, com saldo no barracão, dona Chiquinha e Rosinha não passaram necessidade. Mas o saldo de Policápio não era grande. Por isso para ajudar nas despesas, mãe e filha resolveram costurar, utilizando velha máquina que trouxeram do Ceará [...]. Além disso, caça e a pesca constituem recurso infalível nos dias de escassez. **Forçada pela necessidade, dona Chiquinha já atirava de espingarda e sabia colocar um espinhel como qualquer bom mariscador** (POTYGUARA, 2007, p. 93, grifos nossos).

Na citação acima, podemos perceber a valentia de dona Chiquinha ao aprender a “atirar de espingarda e colocar espinhel como qualquer bom mariscador”. A mulher buscava lutar pela sobrevivência para não ter que ficar vivendo de favores e de caridade dos compadres. Mas ao invés de o narrador enobrecer essa atitude de mulher lutadora, ele faz uma crítica sobre a mulher que passou a desempenhar o papel que era destinado ao homem. Bourdieu (2012) trata da hierarquia sexual marcada pela divisão do trabalho, “como máquina simbólica,” que alicerça a

questão da dominação masculina, “distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos” (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Neste sentido, para o homem, naquela época, ter uma mulher que desenvolvesse uma atividade, principalmente a que era mais desenvolvida pelo homem e fazê-la tão bem quanto ele era desconcertante, visto que a tradição patriarcal queria manter a mulher aprisionada. Assim, considerando que dona Chiquinha estava desenvolvendo os trabalhos destinados ao homem, o narrador trata de anulá-la, impondo a ela a cegueira física e assim retira a sua autonomia:

Em uma tarde, voltando de **uma caçada infrutífera**, a velha viu dois inambus juntinhas num galho de mulateiro. A arma, uma antiga espingarda de carregar pela boca, não inspirava confiança. Mas dona Chiquinha não havia de perder embiara tão saborosa. **Querendo abater as duas de um tiro, socou pólvora e chumbo quanto coube**. Fez pontaria e apertou o gatilho. Não resistindo a sobrecarga, o cano abriu-se e toda pólvora deflagrou nas mãos e no rosto da infeliz senhora. Aos gritos foi acudida pela filha, que a levou para casa. Quando, dias depois, retirou as ataduras, **estava completamente cega** (POTYGUARA, 2007, p. 93, grifos nossos).

Percebemos, assim, que o narrador suprimiu a autonomia de dona Chiquinha ao retirar-lhe a visão e ainda a culpou pelo ocorrido. Ela não levou em conta que a espingarda estava tão velha e não aguentaria a sobrecarga, ou seja, ela reabasteceu a espingarda exageradamente, como se um homem não pudesse cometer o erro. Essa perda supostamente não só a afastaria e a impossibilitaria desenvolver atividades consideradas masculinas, mas também a tornaria dependente e seria obrigada a aceitar o amparo oferecido pelos pais do noivo de Rosinha, Zé Rufino e a mulher.

Essa mesma mulher que foi mostrada pelo narrador como a responsável por trabalhar arduamente para manter a filha na escola e contribuir com a construção da sua autonomia, agora é colocada pelo narrador como submissa à norma patriarcal. O narrador mostra agora uma mulher fragilizada e dependente e para demonstrar “dependência” ainda maior a faz reproduzir e fortalecer a visão patriarcal.

O narrador se utiliza da mãe de Rosinha para impor esta teoria da supremacia masculina, uma vez silenciada pelo discurso machista do narrador. Para tentar efetivar essa dominação, ele volta à questão do casamento imposta à Rosinha desde o início da narrativa, agora retomada com a “invalidez” da mãe, e com a dedicação do noivo. Rosinha é forçada a casar como forma de agradecimento, sem que levem em conta os sentimentos da jovem. Quem tenta legitimar essa dominação aqui descrita é a família, o que podemos observar nas falas de dona Chiquinha e Rosinha:

-Não seja ingrata minha filha! Nonato vale por todos esses sendeiros descarados que vivem aqui te adulando, mas não querem se casar. Não encontras marido melhor. Porque não marcas logo esse casamento?

- Tem tempo. **Sou muito nova pra me amarrar!**

- Por isso mesmo. Aproveita agora. Depois de velha, ninguém te quer. Além disso não tens pai. E eu, velha e cega, **nada mais posso fazer por ti.** (POTYGUARA, 2017, p. 94).

Rosinha mantém o seu posicionamento com relação ao casamento. Ela quer estar livre para assim poder desfrutar da liberdade na juventude, fugindo dos padrões impostos pela sociedade, principalmente com relação ao sexo. E mais uma vez o narrador demonstra que a mulher era vista como uma incapaz e precisava de um homem para gerir seu sustento. Mas Rosinha não se deixa convencer e se vale de uma mentira para desmanchar o noivado com Nonato: “ -Eu não queria dizer. Mas cê insiste? Quer mesmo saber tudo? Pois bem: não posso casar com você, Nonato, e acho que nem você há de querer mais. E'tou de barriga<sup>6</sup> entendeu?...” (POTYGUARA, 2007, p.147).

Com esta confissão, Rosinha não desfaz só o noivado como também desperta a fúria de Nonato, que a trata com grande violência. Ir contra as regras sociais por si já se torna um ato de coragem, que não pode passar despercebido. Não foi dada importância merecida a essa ousadia de Rosinha. Vimos que o discurso que a colocou como audaciosa lhe retirou o brio e lhe colocando em uma condição de prostituta. Ousamos dizer que o narrador, ao impor-lhe essa condição, quis mostrar a fragilidade e a falta de competência da mulher em administrar e gerir uma casa. Ela, supostamente sem capacidade de desenvolver uma atividade no seringueiro que gerasse renda e com a invalidez da mãe, apelou para o uso do corpo como forma de garantir a sobrevivência naquele ambiente sem nenhuma perspectiva de vida digna para a mulher, principalmente sozinha.

Entendemos que era uma maneira do narrador comprovar o que já havia dito através sobre dona Chiquinha ao alegar que Rosinha não tinha mais pai e a mãe havia se tornado uma inválida. Assim, não haveria como sustentar e proteger a filha, sendo a única solução o casamento. A prostituição seria um meio de comprovar que a mulher, de qualquer maneira iria “precisar” de um homem para lhe sustentar, questão que, na nossa compreensão, reforça ainda mais a nossa ideia do ofuscamento da autonomia da mulher, como podemos entender na citação abaixo:

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada pela personagem para anunciar a gravidez ao noivo. Foi a desculpa que ela utilizou para desmanchar o noivado, pois sabia que Nonato não ia aceitar que ela já tivesse mantido relações sexuais com outro homem e a gravidez seria a prova.

-Por sinceridade, para não enganar o noivo, desmanchei o noivado. Hoje, por necessidade, para não passar fome, sou mulher de muitos... de qualquer um... de moços ou velhos... Nem tenho direito de escolher! Sei que o seringal inteiro fala de mim. Não me importa. É melhor ser do jeito que sou do que ser casada e proceder que nem a Anália do Tiburtino. Dela falam por trás. De mim, dizem o diabo, abertamente. Falam. Mas ninguém se lembra que eu preciso sustentar a minha mãe cega e que, se me entrego por necessidade, não amo por interesse (POTYGUARA, 2007, p. 177).

A personagem apresenta discernimento com relação às escolhas que fez. Há homens com quem ela se relaciona porque necessita de sustento material, como por exemplo, Zé Rufino, pai de Nonato, que mantém o sustento dela e da mãe. Mas há outros que ela se relaciona por querer usar o corpo e a sexualidade para o seu próprio prazer e não por interesse financeiro. Essa diferença pode ser entendida quando o narrador diz que ela se entrega por necessidade, mas não ama por interesse.

No decorrer da narrativa, fica nítida a diferença que Rosinha faz entre os homens com quem ela se relaciona por prazer e os outros por necessidade material. A personagem faz essa diferença quando se recusa a aceitar o dinheiro oferecido por Paulinho e diz: “-Fui noiva e acabei o noivado pra ser livre. Mas não amo por interesse: amo porque gosto! Amor não se vende!” (POTYGUARA, 2007, p. 173).

Outra maneira de ofuscar a autonomia de Rosinha é quando a escolha de não casar, de não ter “dono” começa a ficar ameaçada quando o narrador diz que ela sentiu algo diferente por Paulino, mas logo refletiu que escolhera ser livre, embora seja traída pelo sentimento ao experimentar uma noite de amor com Paulinho, diferentemente de todos os homens com quem teve intimidade, inclusive Tomaz. A partir da experiência com Paulinho começa a pensar na possibilidade do casamento não como prisão:

Sentindo a diferença, ela indaga a si mesma se concordaria em casar com Paulinho. Logo, seu temperamento independente reage à ideia: “casar?... **Se queria ser escrava, pra que desmanchou o noivado?**”. É verdade que o bronco do Nonato nem se pode comparar a este que ali está, dormindo a seu lado. Conhecendo carinhos colhidos apenas na convivência com seringueiros rústicos, para ela Paulinho foi uma revelação, com seus modos delicados, sua educação, sua conversa diferente. **Assim, começa a admitir o casamento não como um freio, mas como felicidade.** Por que isso, agora, não sabe. Mas sabe que sente por Paulinho o que nunca sentiu por nonato e nem por ninguém. **Um desejo de total submissão, amargurado pela tristeza de não o haver conhecido antes** (POTYGUARA, 2007, p. 175, grifos nossos).

Para que esta ocultação seja ainda reforçada, o narrador a transforma em uma mulher presa pelo amor. Ela expressa a “amargura” por ter se entregado a outro homem antes de Paulino. Neste sentido, o narrador reforça a visão patriarcal quando evidencia que Rosinha toma consciência da necessidade de manter-se virgem, intocada até o casamento. Ela lamenta não ter esperado mais um pouco para encontrar a pessoa “certa”.

Quem um dia foi tão livre e independente não foi suficientemente capaz de administrar a independência e passar a ser oprimida e resignada não quer mais usar a sexualidade nem para garantir seu sustento nem para o próprio prazer, conforme fica exposto na narrativa quando ela recusa cem mil-réis que o Coronel mandou a ela na tentativa de comprar uma noite de prazer. Ela recusa veemente, não apenas por não querer ser prostituta, mas também porque, segundo o narrador, ela conheceu o amor, está submissa a ele, embora esse amor não seja possível.

Rosinha segurou a cédula com um sorriso de ironia. **Lembrou-se de suas dificuldades – necessitava até de roupa –, da pobreza em que vivem ela e a mãe**, mas lembrou-se da maldade do coronel, mandando Paulinho ir embora!

Restituiu o dinheiro com essa resposta:

\_ Toma moleque. Entrega ao coronel. Diga a ele que chegou tarde, porque a Rosinha de todo mundo, a Rosinha de qualquer um, **resolveu tomar vergonha e não ser de mais ninguém** (POTYGUARA, 2007, p.254-255).

Antes a prostituição para Rosinha era vista como uma necessidade que não apresentava vergonha, assim como não havia erro em querer viver a liberdade e a sexualidade. O narrador usa esse percurso de Rosinha para evidenciar que a mulher pode querer ser livre, mas não consegue sustentar esses ideais de liberdade porque o sentimento a deixa fraca.

Outra maneira que o narrador usa para sufocar a voz feminina ocorre quando ele a transforma em uma pessoa caridosa, benevolente. Rosinha recusa a oportunidade que Chico Bento lhe oferece junto com a mãe para serem levadas de volta ao Ceará. Ela escolhe cuidar da mãe e do Coronel doente, como “castigo”. Escolheu ser livre, mas foi traída pelo sentimento, que a deixou presa. Isso demonstra que a mulher apesar de querer, na visão do narrador, ser livre, não foi forte o suficiente para assegurar sua liberdade.

A busca da autonomia dessa personagem foi expressa pelo narrador mesmo em detrimento dos padrões que atropelam a mulher na sociedade. Se Rosinha tivesse se casado, a “desgraça não seria tanta”. Ela estaria seguindo um percurso retilíneo das narrativas canônicas em que as mulheres, sempre obedientes, encontram a felicidade e se contentam apenas com a servidão.

Essas nuances que o narrador deixa evidente nos fazem ir em busca de outras maneiras de repensar as interpretações colonialistas, que camuflaram a mulher de diversas maneiras e não possibilitaram desconstruções, apenas reforçaram a ideia estereotipada e a culpabilização da mulher por todos os tipos de violência que impetraram contra ela. Reforçam a negação aos seus direitos, mesmo estando evidente a insubordinação da mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio de que somos frutos do processo de colonização, a mulher já vem marginalizada ao longo do tempo e essa marginalização se perpetua na atualidade. Ao falarmos de ficção como uma possível descrição da realidade, precisamos questionar o narrador e olhar a maneira crítica como este vem apresentando as personagens, de modo a descentralizar e descolonizar o olhar. Quando tratamos de identidade, emerge a necessidade de fazer surgir o sujeito feminino, antes excluído a vista das desigualdades e a partir daí, criar possibilidade de novas identidades, levando em conta as questões políticas e sociais.

Os cânones literários foram definidos por colonizadores europeus homens, privilegiados financeiramente, prestigiando o discurso hegemônico, desprestigiando os discursos de outros segmentos sociais. O androcentrismo impregnou o pensamento e estimulou o preconceito que se instalou de maneira devastadora nas concepções de homens e mulheres, tornando-os incapazes de refletir a respeito dessas concepções preconceituosas que emergem e têm sido difíceis de mudar, enquanto não houver um esforço contínuo para romper com esses paradigmas dominantes.

A luta das mulheres por espaço na sociedade vem de muito tempo, mas como não tinha direito a fala, não podia ser ouvida, e mesmo estando evidente, o narrador tenta silenciá-las, exemplo claro e disponível da “violência epistêmica” (SPIVAK), o que mostra a representação do narrador, em Terra Caida, desconcertante e deturpada da visibilidade da mulher.

Diante da discussão, percebemos a importância de valorizar outras vozes que surgiram para fomentar outras interpretações distintas nas narrativas sobre as personagens femininas no espaço da Amazônia. Os discursos de poder, com carga hegemônica acentuada se confrontam com essas vozes que surgiram e urgem ser evidenciadas, principalmente a voz da mulher, e hoje pode se juntar a outras vozes que foram silenciadas ao longo dos tempos, como dos quilombolas, dos povos indígenas que também contribuem para a construção do que é a Amazônia.

## Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos Arquivos da Amazônia*, Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rio de Janeiro: Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 16ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

POTYGUARA, José. *Terra Caída*. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakarovorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

WOOLF, Virgínia. *Um Teto Todo Seu*: 1ª edição. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

*Recebido em: 14/10/2021*

*Aprovado em: 29/01/2022*

*Publicado em: 29/04/2022*